

OS SEGMENTOS RÓTICOS NA AQUISIÇÃO DA ESCRITA: ORALIDADE, ESCRITA, PERCEPÇÃO

FELIPE BILHARVA DA SILVA¹; GIOVANA FERREIRA-GONÇALVES²

¹Universidade Federal de Pelotas – felipebilharva@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas – gfgb@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Os segmentos róticos constituem, no âmbito dos estudos fonológicos contemporâneos, uma classe altamente complexa. Do ponto de vista fonético, autores como WIESE (2003) apontam que parece improvável detectar um correlato que seja comum à classe, uma vez que nela inseridos constam segmentos altamente variáveis, como um tap alveolar, /r/, e uma fricativa velar, /x/. A articulação deveras distinta desses dois sons, tanto no que se refere ao modo quanto ao ponto de articulação, parece constituir um problema para uma análise que se baseie unicamente em aspectos fonéticos.

Fonologicamente, autores como LINDAU (1985) defendem a ideia de que há uma similaridade comportamental entre os segmentos róticos, como o fato de ocuparem a mesma posição em diferentes sistemas consonantais e estruturas silábicas de diferentes línguas, além de situarem-se próximo ao núcleo da sílaba em sistemas linguísticos dotados de onset complexo. Em línguas como o Português, entretanto, o fato de existirem dois fonemas róticos distintos (conforme atesta, por exemplo, CÂMARA JR., 1970) parece evidenciar que a relação fonológica existente entre esses sons pode ser menos homogênea.

A aquisição dos róticos em língua portuguesa parece constituir mais um exemplo de que esses segmentos, no Português Brasileiro (PB), apresentam caráter complexo e diferenciado. Diversos autores apontam para uma apropriação e utilização dos diferentes sons de *r* ocorrendo em etapas distintas, as quais se submetem a fatores de ordem linguística, como o posicionamento do fonema no interior da palavra. MIRANDA (1996), ao investigar a aquisição fonológica de crianças monolíngues residentes dos municípios de Pelotas e Porto Alegre, encontrou diferenças na aquisição do chamado 'r-forte', precoce, concluída em torno dos 2:6 – posição corroborada por BONILHA (2004), a qual aponta para a aquisição do referido segmento ocorrendo entre 2:1 a 2:7 –, e do 'r-fraco', tardia, concluída por volta dos 3:8. Tais resultados ressaltam o fato de que a aquisição do /r/, de modo geral, é uma das mais complexas e, conseqüentemente, mais tardia do Português Brasileiro.

Levando-se em consideração a complexidade teórica que envolve essa classe, o presente trabalho visa tecer uma análise da percepção, da fala e da escrita dos segmentos róticos produzidos por crianças monolíngues moradoras da cidade de Pelotas, durante o período de alfabetização, a fim de verificar se existem motivações orais e perceptivas capazes de influenciar a escrita. Para tanto, foi realizada uma coleta de dados em uma escola pública municipal da cidade de Pelotas (RS). O corpus investigado é constituído pelos dados de quatro estudantes do segundo ano (antiga primeira série) e oito estudantes do sexto ano (antiga quinta série), constituindo uma análise transversal. A investigação realizada neste trabalho integra um estudo piloto inserido na pesquisa de mestrado intitulada "Produção oral e escrita dos róticos em Arroio do Padre (RS):

avaliando a relação Português/Pomerano com base na Teoria da Otimidade Estocástica”.

2. METODOLOGIA

A fim de contemplar diferentes modalidades de fala, a coleta oral foi baseada em duas etapas. Na primeira, os falantes, após observarem o livro “Não me pega” (FOREMAN, 2012), constituído por linguagem não-verbal – os poucos trechos verbais foram digitalmente apagados –, contaram a estória para o pesquisador, inserindo, no enredo, seis novos personagens da forma como julgaram adequado. Essa inserção de novos personagens visou a criação de um maior número de contextos em que os segmentos róticos apareceram, aumentando a possibilidade de produção das palavras alvo. Esses personagens inseridos foram desenhados pelo mesmo autor do livro e eram visualmente semelhantes aos presentes no livro, a fim de que a coerência interna da narrativa não fosse quebrada. Dessa forma, a primeira etapa visou a obtenção de uma amostra de fala espontânea. A segunda etapa foi consistida de uma eliciação de palavras no interior de uma frase piloto, “*Digo _____ duas vezes*”. Para tanto, os falantes visualizaram imagens na tela de um computador portátil, devendo produzir os nomes que correspondessem às imagens. As palavras selecionadas foram distribuídas em cinco contextos, apontados por Miranda (1996), em estudo anterior envolvendo os róticos, como relevantes: posição na palavra, posição silábica, tonicidade, contexto antecedente e contexto seguinte, a fim de investigar uma possível influência desses contextos.

Em um segundo momento, foram realizados os testes de percepção, com a utilização do *software* Teste/treinamento de Percepção (TP - RAUBER, RATO, KLUGE & SANTOS, 2012). Foram realizados três testes: identificação, discriminação e identificação de produções diferenciadas. No primeiro, o falante ouvia uma palavra (a qual fazia parte de um par mínimo) e deveria identificá-la com duas imagens apresentadas na tela do computador – nas quais a presença/ausência do rótico distinguia significado. No segundo teste, o falante ouvia três produções de itens lexicais semelhantes, dentre as quais uma apresentava uma produção diferenciada das demais. Cabia ao falante discriminar a palavra diferente das demais. Por fim, no terceiro teste, o falante ouvia frases contendo uma palavra pronunciada com uma variante de rótico não esperada em seu dialeto, devendo identificá-la. Distratores foram utilizados, nos quais uma frase não apresentava nenhuma produção atípica.

No que se refere, finalmente, à produção escrita, essa foi baseada em duas etapas, repetindo-se os mesmos procedimentos realizados na oralidade. Inicialmente, os falantes receberam cópias impressas do livro “Não me pega” e tiveram que contar novamente a estória, dessa vez de forma escrita. Em um segundo momento, receberam uma lista contendo as imagens previamente observadas no computador e foram solicitados a anotar o nome que correspondia a cada uma delas.

Após a coleta dos dados, foram realizados levantamentos quantitativos, somando-se o número de produções e percepções que atingiam a forma alvo, e qualitativos, analisando-se quais eram as produções realizadas quando a forma alvo não era produzida. Os somatórios gerais foram submetidos a uma análise estatística, realizada com o recurso do programa *SPSS Statistics*, versão 17.0.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A fim de traçar comparações entre os resultados observados pelos diferentes grupos nos diferentes testes e modalidades, foram criados quadros gerais apontando os índices de produções esperadas – ou seja, aquelas que atingiram a forma alvo. Inicialmente, observou-se o índice de produções esperadas na oralidade, na qual foi notada um percentual geral bastante elevado.

	Narrativas orais		Lista de palavras orais	
	[r]	[x]	[r]	[x]
Segundo ano	95,8/ 3,7	100,0 / 0,0	100,0 / 0,0	100,0 / 0,0
Sexto ano	94,8/ 3,6	100,0 / 0,0	100,0 / 0,0	100,0 / 0,0

Quadro 1: índice percentual e desvio padrão nas produções orais.

Em um segundo momento, questionou-se se haveria um aumento no número de produções esperadas ao longo do período de alfabetização, e, para tanto, foram traçadas comparações entre as produções do segundo e do sexto ano. As hipóteses iniciais deste trabalho apontavam uma natural diminuição no número de trocas, motivada pelo avanço do contato dos estudantes com o código escrito. Buscando averiguar se tal hipótese seria concretizada, foi utilizado o teste estatístico de *Mann-Whitney*, o qual apontou uma diferença significativa entre o índice de produções esperadas do grafema “r” nas duas séries ($Z = -2,382$; $p = 0,017$). Nos demais segmentos e modalidades, entretanto, não foram detectadas diferenças significativas entre as produções.

	Narrativas escrita		Lista de palavras escritas	
	r	rr	r	rr
Segundo ano	98,4/ 2,8	63,4/ 4,7	81,3/ 27,1	75,0/ 0,0
Sexto ano	99,1/ 1,9	76,0/ 43,4	99,6/ 0,9	85,0/ 22,4

Quadro 2: índice percentual e desvio padrão nas produções escritas.

Buscou-se investigar, além disso, uma possível influência da percepção nos erros ortográficos cometidos pelos estudantes. Para tanto, o teste de correlação de Pearson foi utilizado, estabelecendo uma comparação entre o índice de produções esperadas nas produções escritas e nos testes de percepção. Os resultados apontaram correlações entre as duas modalidades em alguns dados, envolvendo especialmente o teste de identificação e a escrita do grafema “r”.

	Percepção (Identificação)		Percepção (discriminação)	
	[r]	[x]	[r]	[x]
Segundo ano	96,9/ 5,4	95,8/ 7,2	79,2/ 13,0	77,1/ 14,4
Sexto ano	99,4/ 1,4	92,5/ 11,2	86,3/ 10,3	76,3/ 6,8

Quadro 3: índice percentual e desvio padrão nos testes de percepção.

Por fim, no que se refere especificamente ao teste de percepção, buscou-se uma comparação entre o tempo de resposta despendido nas alternativas marcadas corretamente e nas alternativas marcadas erroneamente, a fim de avaliar se os estudantes demoravam mais tempo antes de cometer um erro. Os resultados demonstraram tempos de resposta similares nos testes de discriminação no segundo ano e nos testes de identificação e discriminação do sexto ano. No teste de identificação do segundo ano, por sua vez, foi notado um tempo de resposta substancialmente mais alto nas alternativas marcadas com

erro (7,9s nas opções corretas e 33,4s nas opções erradas). Além disso, os tempos de resposta despendidos pelos sujeitos das duas séries percorreram caminhos opostos: enquanto, no segundo ano, as alternativas com erros levaram mais tempo para serem assinaladas, no sexto, levaram menos tempo.

4. CONCLUSÕES

Constatou-se um baixo número de trocas na oralidade, o que faz com que não sejam detectadas diferenças significativas entre as produções do segundo e do sexto anos. As pesquisas fonológicas contemporâneas sinalizam, cada vez mais, para uma necessidade de utilização de ferramentas que possibilitem pistas sobre a produção concreta dos sons da fala; nesse sentido, a análise realizada neste trabalho, baseada exclusivamente em ouvintes, pode não ter sido capaz de extrair todas as nuances das produções dos estudantes. Assim sendo, a inserção dos recursos da análise acústica e articulatória, a ser efetivada nas próximas etapas da pesquisa, podem revelar características específicas da fala não percebidas nas investigações iniciais.

No que se refere à escrita, a recorrência de alguns erros no sexto ano pode constituir um indício de que a produção dos segmentos róticos impõe certa complexidade para os estudantes em etapa de aquisição da modalidade escrita da língua, a qual perdura mesmo em séries mais avançadas. A investigação de um grupo maior de sujeitos, a ser realizada nas próximas etapas desta pesquisa, pode fornecer dados capazes de corroborar essa hipótese.

No que se refere à relação entre escrita e percepção, a detecção de algumas correlações entre o índice de trocas nas duas modalidades pode indicar um papel da percepção nos erros ortográficos, hipótese que só pode ser corroborada com um *corpus* mais expressivo. O menor tempo despendido pelos estudantes do sexto ano na resposta dos testes de percepção, além disso, pode indicar um processamento da informação mais aguçada nas crianças mais velhas.

Por fim, espera-se que, nas próximas etapas desta pesquisa, analisando-se um grupo mais substancial de estudantes e apoiando-se nas pistas fornecidas pelas análises acústica e articulatória, torne-se possível traçar um levantamento mais detalhado sobre as dificuldades encontradas pelos alunos na produção dos segmentos róticos durante o período de aquisição da modalidade escrita da língua.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONILHA, G. F. G. **Aquisição fonológica do Português Brasileiro: uma abordagem conexionista da teoria da otimidade**. 2004. 389 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

CÂMARA JR. J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 23^a ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

MIRANDA, A. R. M. **A aquisição do ‘r’: uma contribuição à discussão sobre seu status fonológico**. 1996. 128 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre.

WIESE, R. The unity and variation of (German) /r/. **Zeitschrift für Dialektologie und Linguistik**, nº 70, p. 25-43, 2003.